

Autora best-seller do *The New York Times*

Jill Mansell

Até onde você iria por amor?

MUITO ALÉM DO INFINITO



MUITO ALÉM DO
INFINITO

Título original: *To the Moon and Back*
Copyright © 2011 por Jill Mansell
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.

tradução: Regiane Winarski

preparo de originais: Mariana Gouvêa

revisão: Carolina M. Leocadio e Midori Hatai

projeto gráfico: DTPPhoenix Editorial

diagramação: Abreu's System

capa: Siobhan Hooper

imagem de capa: Kat Heyes

adaptação de capa: Natali Nabekura

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M248m

Mansell, Jill

Muito além do infinito / Jill Mansell ; [tradução Regiane Winarski].

– 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: *To the moon and back*

ISBN 978-65-5565-204-8

1. Ficção inglesa. I. Winarski, Regiane. II. Título.

21-72274

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Cino, minha alma gêmea.
Não esperávamos ficar juntos nem seis meses, não é?
E agora 25 anos se passaram.
Acho que um dia deveríamos pensar em nos casar...*



Capítulo 1



– O QUE VOCÊ FARIA SEM MIM?

Recém-saída do banho e parada à porta do quarto, Ellie avaliou a visão encantadora. Sério, havia algo melhor do que um homem deslumbrante de 28 anos usando só uma cueca boxer branca e segurando um ferro a vapor em uma das mãos e uma saia preta na outra?

E pensar que ele é meu, todo meu. Ela tinha a certidão de casamento como prova.

– Tudo bem, não responda, eu sei o que você faria. – Jamie se inclinou para a frente e tirou o ferro da tomada. – Você sairia usando uma saia amassada.

– Possivelmente. – Ela prendeu a toalha verde-limão em volta do tronco. – Mas eu não preciso fazer isso, preciso? Porque eu tenho você. – Ela se inclinou por cima da tábua de passar e beijou aquela boca que nunca se cansava de beijar.

– Então você está agradecida? – Ele deu um puxão de brincadeira na ponta da toalha.

– Estou. Muito agradecida. Obrigada muito além do infinito.

– Se estiver a fim de agradecer pelo favor, acho que consigo pensar em uma forma de você fazer isso.

Com pesar, Ellie mostrou o relógio.

– Não temos tempo. Olha meu cabelo. Preciso me vestir, me maquiar... Ah, não, para, sai daqui!

Ela pegou a saia e se afastou dançando antes que Jamie a agarrasse. Naquela noite, eles saíram separados. Com um grupo de amigos do trabalho,

ela ia assistir a uma apresentação de *The Rocky Horror Show*, para a qual era obrigatório se fantasiar. Por isso a saia preta, comprada para uma festa de Halloween em um brechó beneficente e cortada com uma tesoura de jardinagem para que ficasse com a barra em zigue-zague. Estava no fundo do armário desde a festa, mas seria a peça perfeita para o tema Rocky Horror, junto com o penteado bagunçado, o delineador exagerado nos olhos e a meia arrastão.

– E qual camisa devo usar? – Jamie indicou as que tinha passado enquanto ela estava no banho. – Azul? Ou branca? – Ele ia para um encontro da escola em Guildford.

– Que tal a rosa? – sugeriu Ellie. Ela o viu curvar os cantos da boca para baixo, como ele fazia quando ficava constrangido.

– Não sei. Hoje não.

– Por quê?

– É porque... porque não. Prefiro usar a azul hoje.

Ela pegou a camisa fúcsia no armário e a balançou, provocando.

– Mas esta é linda! Olha a *cor*. Por que você não quer usar?

– Porque não quero chegar lá e ouvir todo mundo dizer que não sabia que eu era gay.

– Ah, para com isso! Só porque é rosa?

Jamie fez uma cara de poucos amigos.

– É um rosa muito gay.

Tudo bem, talvez fosse mesmo, mas ele podia usar.

– Eu comprei para você de Natal! Você podia ter ido à loja trocar. – Ellie balançou a cabeça sem acreditar. – Você disse que tinha amado!

– Eu não queria te magoar. Além do mais – respondeu Jamie com hesitação –, eu até que gosto de *olhar* para ela. Só não gosto de *usar*.

– A cor cairia muito bem em você.

– Vou usar em breve, prometo. – Ele tirou a camisa azul do cabide e a vestiu.

Sinceramente, qual era a dos homens?

– Tudo bem, já chega, espera só o próximo Natal. Não vai ter presente, e assim você vai aprender a não virar a cara para a camisa que eu escolher. Ano que vem você não vai ganhar nada.

Jamie abriu um sorriso.

– Isso quer dizer que também não preciso comprar nada para você?
– Espere só. Você vai se arrepender. Não, sai daqui! – Gargalhando alto, Ellie acabou encurralada num canto da sala. – Já falei, não temos *tempo*!

Jamie passou os braços pela cintura dela e a puxou para perto.

– Às vezes – murmurou ele com persuasão no ouvido dela – é preciso pensar nas prioridades e *arrumar* tempo.

DIIIIIIIING DOOOOOOONG, fez a campainha, e Jamie botou a mão no coração e cambaleou para trás, como se tivesse levado um tiro.

– Ah, não, não é justo...

– Ah, que pena. Bem quando eu ia mudar de ideia. – Ellie passou por ele saltitando, foi até a janela e espiou calçada abaixo.

Todd acenou para ela. Ela acenou de volta.

– E pensar que ele era meu amigo. – Jamie abriu a janela e gritou: – Você chegou cedo!

– Eu sei. – Todd abriu bem os braços, evidentemente satisfeito. – Isso porque você mandou eu não me atrasar.

Jamie revirou os olhos.

– É a primeira vez em vinte anos que ele chega cedo para *alguma coisa*.
– Ele ergueu a voz e gritou: – Olha, estamos meio ocupados agora! Que tal você fazer um enorme favor e dar uma corrida de vinte minutos em volta do quarteirão?

– Se manca!

– Você também podia fazer isso.

– Não vai rolar. Para de falar e abre a porta. – Batendo os pés de forma enérgica e esfregando as mãos, Todd acrescentou: – Está um gelo aqui fora. Minhas bolas estão congelando.



– Olha só você – disse Todd, encantado, cumprimentando Ellie com um beijo quando ela finalmente saiu do quarto, arrumada e pronta para sair. – Bem discreta. Gostei. Vai para a igreja?

– Rá, rá.

Ela adorava Todd, o que era ótimo, considerando que ele era o melhor amigo de Jamie. Por quase vinte anos, os dois rapazes foram inseparáveis.

As personalidades deles se complementavam, e o senso de humor que ambos tinham em comum permitia que eles lançassem piadas um para o outro com tanta facilidade que nunca se cansavam. Jamie e Todd eram conhecidos como uma dupla dinâmica, e Ellie vivia com medo de Todd ter um relacionamento sério com uma garota de quem ela não gostasse, pois o que poderia ser pior do que isso? Como eles aguentariam? Tinha o potencial de estragar tudo e ela não conseguia suportar a ideia de isso acontecer. Eles só podiam cruzar os dedos e rezar para ele escolher uma menina ótima.

– Muito bem, estamos prontos? – Era Jamie quem ia dirigir naquela noite; ele balançou a chave e foi andando até a porta. – Vamos. Onde deixamos você?

Ellie acrescentou uma última camada de spray de purpurina no cabelo penteado para trás, só para dar sorte.

– Na estação do metrô. Todo mundo vai se encontrar no Frog and Bucket.

– Você não vai andar de metrô sozinha, vestida assim. – Ele beliscou a bunda dela quando ela passou por ele na escada. – A gente te leva até o pub.

– *Eca.* – Todd estalou os lábios, consternado. – Tem spray de cabelo na minha boca.

– Abre o bocão. – Ellie olhou lá dentro e falou: – Ih, tem purpurina também.

Jamie sorriu.

– É para ele ter uma conversa brilhante com as garotas de quem gostava na escola.

Ellie tirou um pontinho de purpurina da bochecha de Todd.

– Que Deus ajude as pobres garotas.



Quando Ellie voltou para o apartamento em Hammersmith, era quase uma da manhã. Você sabia que uma noite de Rocky Horror tinha sido boa quando voltava para casa com a garganta doendo de tanto cantar e as solas dos pés pegando fogo. Durante todo o show, eles pularam e participaram da dança, gritando a letra das músicas que todos conheciam de cor. Depois, a

caminho do Frog and Bucket para a saideira, foram cantando pela rua “The Time Warp”, uma das canções do musical.

– São 10,50 libras, querida.

Ela pagou o motorista, saiu do táxi e olhou ao redor para ver se Jamie já tinha chegado em casa. Não havia sinal do carro, mas talvez ele tivesse precisado parar depois da esquina. E as janelas estavam escuras, mas isso podia significar que ele estava dormindo.

Ellie entrou no apartamento, sentiu o ar parado e soube que era a primeira a chegar em casa. Tudo bem, não havia problema, ela ainda estava vibrando de adrenalina. Se Jamie voltasse logo, ela talvez o seduzisse para compensar o que não tinha acontecido antes graças à chegada de Todd. Toddus Interruptus, rá. Seu contraceptivo humano. Ela sorriu e acendeu a luz da sala. Faria um misto-quente e assistiria a um DVD. Ah, a luz do telefone estava piscando. Ela esticou a mão, apertou o botão e ouviu a mensagem:

– E aí, Jamie, o que está *rolaaaando*? É Rodders aqui, cara. O que aconteceu com você e Todd, hein? Vocês disseram que viriam. Liga pra gente, cara. Vocês perderam uma noite e tanto.

A ligação terminou. Era só aquilo. Rodders era Rod Johnson, que tinha assumido a missão de organizar o encontro escolar daquela noite em Guildford. E ele tinha ligado uma hora antes, o que não fazia sentido nenhum, a não ser que Jamie e Todd tivessem chegado ao evento cedo, espiado pela janela, concluído que estava horrível e caído fora antes de serem vistos.

Que outra explicação poderia haver para eles não terem aparecido?

O único som na sala, o tiquetaquear do relógio de piso que a avó de Jamie dera para eles de presente de casamento, parecia mais alto agora. Ellie remexeu na bolsa em busca do celular, desligado desde que eles tinham entrado no teatro cinco horas antes.

Sete ligações perdidas. Uma mensagem. Com o coração vibrando nas costelas, Ellie teve uma experiência de consciência dividida. Metade do cérebro dela dizia que aquilo não podia estar acontecendo, que tinha havido algum erro, tudo ficaria bem e a qualquer minuto Jamie estaria em casa.

Mas, de alguma forma, ao mesmo tempo, a outra metade do cérebro dela ouvia uma voz calma de mulher transmitindo a mensagem de que Jamie

Kendall tinha sofrido um acidente de trânsito e perguntando se ela podia ligar para aquele número o mais rápido possível...

E agora o chão parecia desmoronar. E outra voz, agora de homem, estava dizendo para ela ir até o hospital Royal Surrey, em Guildford. Jamie se encontrava em estado crítico, explicou a voz ao telefone (*Não, não, não, não é possível!*, gritou a outra voz na cabeça dela). Ele estava sendo transferido da emergência para a unidade de tratamento intensivo.



Capítulo 2



BIP. BIP. BIP. BIP. BIP.

O ruído do monitor cardíaco enchia os ouvidos de Ellie. Enquanto continuasse apitando, tudo ficaria bem. Com cada fibra do seu ser, ela desejava que os bipes não parassem.

Eram quatro horas da madrugada, mas a unidade de tratamento intensivo estava tomada de luz branco-azulada. A maior parte da equipe de enfermagem estava ocupada atendendo um paciente idoso na outra ponta do local, dando instruções e empurrando máquinas de um lado para outro. Ellie se desligou do barulho que estavam fazendo. Tinha que concentrar toda a sua atenção nos bipes. E em Jamie, deitado na cama parecendo um modelo de cera de si mesmo em tamanho real.

Como isso pode estar acontecendo? Como?

O lado esquerdo da cabeça de Jamie estava inchado e roxo. Ele não estava reagindo, em coma profundo. A pele estava quente, mas, quando ela segurou sua mão, ele não fechou os dedos em torno dos dela. Dizer o nome dele não gerava reação. Nem quando o médico esfregou os nós dos dedos com força no esterno de Jamie ele reagiu ao estímulo doloroso.

Ora, ele não estava nem conseguindo respirar sozinho. Um respirador fazia o trabalho por ele. Tubos plásticos entravam no corpo dele. Cada função era monitorada eletronicamente. Parecia coisa de filme, com efeitos especiais ultrarrealistas. Só que era real mesmo. Já tomada de horror, Ellie deu um salto quando a mão de alguém apertou seu ombro.

– Desculpe – disse a enfermeira. – Mas será que você poderia sair por um tempinho?

– Não posso ficar? Eu quero ficar.

– Eu sei, querida. – A enfermeira indicou com a cabeça a atividade crescente em volta do leito do outro lado da sala. – É só um pouquinho. Vá tomar um chá. Nós te chamamos assim que pudermos.

Ela não estava pedindo: estava mandando que ela saísse. Com pernas bambas, Ellie foi saindo, quando as portas se abriram e três médicos de jaleco branco entraram.

Era hora de ligar para o pai de Jamie. Ah, Deus, como ela ia contar sobre aquilo? Mas era preciso.

Por favor, que isso acabe logo.

Do lado de fora, as temperaturas abaixo de zero fizeram seus dentes baterem. O chão estava escorregadio, as poças estavam congeladas. Como será que Jamie se sentiu quando o carro começou a derrapar? Que pensamentos surgiram na mente dele quando soube que tinha perdido o controle? Ela não suportava pensar naquilo, mas não conseguia *parar*. Imagens horríveis se repetiam na mente dela. Se ao menos houvesse um botão que ela pudesse apertar para desligá-las. Ele gritou quando o carro bateu na mureta? Quando acordasse, ele se lembraria de cada detalhe ou sua memória do acidente se apagaria?

Bom, anda logo, liga para o Tony em Los Angeles e conta o que aconteceu. Será que ele poderia ir até lá ou teria compromissos de filmagem dos quais não teria como escapar?

As mãos de Ellie tremeram quando ela encontrou o número no celular. A diferença de fuso entre Los Angeles e Londres era de oito horas, então eram oito e meia da noite lá. Como ela daria a notícia quando ele atendesse o telefone? Quais eram as melhores palavras? É só apertar o botão verde. Anda. Quanto antes fosse resolvido, mais rápido ela poderia voltar para Jamie.

Momentos depois, ela ouviu a voz familiar do outro lado da linha. É agora.

– Tony? – Ciente de que estava prestes a partir o coração dele, sua voz falhou de tanto sofrimento. – Ah, Tony... Jamie sofreu um acidente...

A enfermeira a encontrou na sala dos parentes quinze minutos depois. Ao voltar para a UTI, onde a calma havia sido restaurada, Ellie viu a cortina

fechada em volta do leito do idoso do outro lado da sala, o que tinha sido o centro das atenções antes.

– Está tudo bem agora?

A enfermeira respondeu com delicadeza:

– Infelizmente, ele não resistiu.

Não resistiu?

Ela queria dizer que o homem atrás da cortina estava *morto*?

Ah, não, isso só acontecia na televisão, a uma distância segura. Não ali, na frente dela, na vida real.

– Sente-se, querida. – A enfermeira a guiou até a cadeira ao lado do leito de Jamie. – Respire fundo. Vou buscar um copo d’água. Você tem que ser forte agora.

Forte? Ellie engoliu em seco. Sentia-se tão forte quanto um gatinho recém-nascido. Jamie estava ali, em uma sala onde as pessoas morriam, e cada minuto era mais apavorante do que o anterior. E ela estava usando uma fantasia de Rocky Horror que não podia ser mais inapropriada, só que ir para casa e vestir roupas normais estava fora de cogitação, porque ela não podia deixar Jamie...

Ah, Jamie, acorda, por favor, abre os olhos e me diz que tudo vai ficar bem.

O homem morto foi colocado em uma maca de metal coberta e retirado do local por dois homens. Dois novos pacientes chegaram, um adolescente e uma mulher amarelada e esquelética. Parentes choravam ao redor da cama deles e olhavam com uma expressão estranha para Ellie, com a saia de barra em zigue-zague e meia arrastão. Quando nenhuma das enfermeiras estava olhando, ela beijou o rosto de Jamie, mas a sensação não foi nem um pouco parecida com as vezes em que ela o beijara, e agora ele tinha pontinhos reveladores de purpurina na testa e na bochecha.

– Desculpe pela purpurina – disse Ellie para a enfermeira quando ela voltou para fazer a avaliação.

– Não tem problema. Vamos só limpar com um pedaço de algodão úmido, que tal? Para não cair nos olhos dele. Quer que eu veja se temos alguma roupa para você poder se trocar ou prefere pedir a alguma amiga para trazer uma coisa sua?

Ainda parecia que era madrugada, mas o relógio na parede mostrava nove e meia da manhã. E estava claro lá fora. Com um sobressalto, Ellie

percebeu que tinha que estar no trabalho. Lá fora, no mundo real, a vida continuava como se nada tivesse acontecido.

– Hum, vou ligar para uma amiga.

Do lado de fora, ela ligou para o trabalho. Paula atendeu o telefone e deu um gritinho de indignação fingida.

– Sua preguiçosa, eu bebi muito mais do que você ontem à noite e consegui chegar na hora!

– Ah, Paula, estou no hospital e preciso da sua a-ajuda...



Com os olhos fundos pela privação de sono e tomada pela dor, Ellie ficou ao lado do leito de Jamie. O cheiro químico de antisséptico da sala penetrava na pele dela. Médicos entravam e saíam. Vários exames foram realizados. Paula chegou de táxi derramando rios de lágrimas, com uma muda de roupas e artigos de higiene e um cartão de melhoras comprado às pressas para Jamie e assinado por todos no trabalho. Sem poder entrar, ela segurou as mãos de Ellie e continuou soluçando.

– Pobrezinha, não *consigo* acreditar. Mas ele vai ficar bem, não vai? Ele não vai morrer, né?

Entorpecida, Ellie aceitou o abraço. Foi um alívio quando Paula finalmente se soltou dela e foi embora. Ela só queria voltar para Jamie e ouvir os bipes.

Mais horas se passaram, e a enfermeira foi lhe avisar que Todd estava do lado de fora. Daquela vez, como ele era o amigo mais antigo e mais próximo de Jamie, as enfermeiras deixaram que ele entrasse, já que não viria nenhum outro familiar.

O estômago de Ellie se contraiu quando ela viu Todd se aproximando do leito. Havia cortes e hematomas na cabeça e nas mãos dele; depois de passar a noite em observação, ele estava mancando, mas, fora isso, estava bem. Ele passou os braços em volta dela, mas ela acabou se encolhendo. Não queria ser tocada nem abraçada, sua pele estava sensível demais. Era como estar com gripe, quando até pentear o cabelo doía. Como duas pessoas podiam estar no mesmo carro, no mesmo acidente, e uma delas escapar quase sem ferimento nenhum?

Era injusto. Tão injusto. Por mais que ela gostasse de Todd, o que ele tinha feito para sair praticamente ileso? Por que tinha que ser Jamie deitado inconsciente na cama? Não que ela pudesse dizer isso em voz alta, não seria educado e poderia magoar Todd. Mas essa era a grande questão da vida e do destino: *nunca* era justo. Coisas horríveis aconteciam com pessoas boas e coisas ótimas aconteciam com pessoas ruins.

Não que Todd fosse ruim. Porém, entre os dois, não era ele que ela amava de corpo e alma.

Mas ele também amava Jamie. Ellie se sentou e o viu se dirigir até o leito e colocar a mão no ombro exposto de Jamie. Um músculo pulou no maxilar dele enquanto ele olhava, pálido, para seu melhor amigo.

Bip. Bip. Bip.

Bip. Bip.

Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiip...

– Ah, Deus, o que está acontecendo? Não, não, não...

– Nada de pânico. – A enfermeira se aproximou e prendeu o eletrodo que tinha se soltado quando a manga de Todd esbarrou na clavícula de Jamie.

– Pronto – disse ela enquanto os bipes voltavam a soar. – Tudo resolvido.

– Desculpe.

Visivelmente abalado, Todd se afastou da cama e limpou uma camada de suor do lábio superior.

Quando a enfermeira os deixou sozinhos de novo, Ellie perguntou:

– Como aconteceu?

– Não sei. – Ele deu de ombros, impotente. – Não estávamos indo muito rápido. O carro fez uma curva e saiu derrapando. Pareceu câmera lenta, mas meio que acelerada ao mesmo tempo. Eu falei “Ah, caceta” e Jamie disse “Ah, merda”. – Os nós dos dedos dele ficaram brancos com o esforço de segurar as lágrimas. – Só soubemos que havia gelo na estrada quando era tarde demais. – A voz dele falhou. – E aí a gente... *foi*.



Todd já tinha ido embora. Mais exames foram feitos. Os hematomas de Jamie estavam ficando mais azuis. A noite chegou e o pai de Jamie também; Tony ligou e informou à unidade que tinha pousado no aeroporto

de Heathrow e estava a caminho do hospital. A enfermeira que falou com ele reconheceu a voz e juntou os pontos. Em poucos minutos, a notícia de que Jamie era filho de Tony Weston tinha se espalhado... É, *o ator*. Por trás da fachada profissional, a empolgação aumentou. Enquanto os observava, Ellie se agarrou a todas as esperanças e se perguntou se eles fariam um esforço maior para ajudar Jamie a se recuperar. Porque, se eles só precisassem de um incentivo para se esforçar mais, talvez ela devesse oferecer dinheiro.

Mas uma imagem vívida surgiu em sua mente, e ela sorriu de leve ao pensar em explicar *isso* para Jamie quando ele chegasse em casa, olhasse incrédulo o extrato do banco e exigisse saber por que ela esvaziou a conta conjunta deles.

Quarenta minutos depois, Tony chegou. Com 50 e tantos anos, bronzeado e bonito, ele foi imediatamente reconhecido pela equipe como o ator que se mudou para os Estados Unidos e fez nome como o típico inglês de classe alta, apesar de ter nascido e crescido em um apartamento de quatro cômodos em uma construção subsidiada em Basingstoke. Ainda que todos da unidade hospitalar estivessem discretamente animados por vê-lo em carne e osso, Ellie só sentiu alívio. Não tinha mais que ser a pessoa no comando. O pai de Jamie havia chegado, e ele era um adulto de verdade. Lágrimas de exaustão rolaram dos olhos dela quando ele a abraçou.

– Ah, querida... – Isso foi tudo que Tony disse, tudo que precisava dizer.

Ele estava com cheiro de avião e café e camisas de lavanderia caras; também estava sem se barbear. Virou-se para Jamie e o observou em silêncio, parecendo vibrar de dor. Finalmente, murmurou:

– Ah, meu garoto... – E sua voz falhou de tanto sofrimento.

O médico especialista se materializou em minutos e se apresentou. Ellie o viu realizar vários exames neurológicos em intervalos regulares desde a chegada de Jamie na unidade. Ela observou o rosto do homem, procurando pistas, esperando que a expressão séria sumisse e se abrisse em um sorriso de alívio antes de se virar para eles e dizer “Ele só está se recuperando agora, em poucas horas vai acordar”.

Vai, diz.

Por favor, diz.

O sorriso não veio. Ela e Tony ficaram sentados juntos, em silêncio, ao lado da cama de Jamie e o viram, ainda sério, escrever alguma coisa no

prontuário. Finalmente, virou-se para eles. Ellie sentiu como se a cadeira tivesse sido retirada abruptamente. Um barulho alto surgiu nos ouvidos dela; era o jeito da natureza de sufocar as palavras que ela já sabia que não queria ouvir?

O barulho era alto, mas não tanto a esse ponto. O medo se coagulou como cimento no peito dela. Ao seu lado, Tony estava balançando a cabeça de leve, mas o resto do corpo tinha virado pedra. Uma das enfermeiras mais velhas foi para perto deles com uma expressão solidária.

Não faça isso, por favor, não fale, Jamie talvez escute...

– Sinto muito – disse o especialista –, mas os exames que fizemos são conclusivos. Não há mais atividade cerebral. – Ele fez uma pausa. – Vocês entendem o que isso significa?

Não, não, nãããããããã...

– Você quer dizer que ele teve morte cerebral. – Havia um mundo de sofrimento nas palavras de Tony. – Ele se foi. Meu garoto se foi.

O especialista inclinou a cabeça, concordando sombriamente.

– Infelizmente, sim.

A decorative arrangement of ten small, light gray stars scattered across the upper half of the page, framing the chapter title.

Capítulo 3

A simple, dark gray crescent moon icon positioned to the left of the chapter's time marker.

Quinze meses depois

– TEM CERTEZA DE QUE NÃO QUER IR AO CINEMA?

Era sexta-feira, cinco da tarde, e Paula estava tirando as coisas da mesa do escritório e enfiando a maquiagem de volta na bolsa enorme, junto com os sapatos do trabalho, uma garrafa de refrigerante Lilt pela metade e um pacote de batatas Kettle para comer no ônibus na volta para casa.

– Se você quiser vir, sinceramente, seria ótimo, adoráramos a sua companhia.

Ellie ficou emocionada; era como dois balões convidando um porco-espinho para sair com eles. Dois balões recém-apaixonados numa noite romântica. Paula estava sendo atenciosa por fazer a proposta, mas ela nem sonharia em aceitar. Paula e Dan só estavam saindo havia três semanas, e ela vinha se esforçando para fingir que não estava completamente louca por ele, mas era óbvio que estava apaixonada. Era mais um dos supostos “segredos” que Ellie tinha que fingir não perceber para poupar os sentimentos de todo mundo e os dela.

– Obrigada, mas estou bem. Quero ir à loja de decoração pegar o papel de parede que encomendei.

O programa parecia chato? Ah, não importava. Era chato, mas era verdade.

Paula parou e olhou para ela com solidariedade, a expressão que ela agora conhecia tão bem. E disse com animação:

– Bom, vai ficar legal, não vai? Quando estiver pronto. É para a sala?

Ellie assentiu. Havia um mofo preto crescendo nas paredes da sala. Como raspar e pintar por cima não tinha dado certo, cobrir com papel de parede parecia ser o próximo passo lógico.

– Bom, se você quiser ajuda com isso amanhã, eu e Dan podemos ir dar uma mãozinha. Eu nunca botei papel de parede, mas não deve ser muito difícil, não é?

De jeito nenhum. Paula mal sabia passar um batom direito.

– Tudo bem, eu consigo fazer sozinha. – Agradecida pela proposta, Ellie pendurou a bolsa no ombro e deu um abraço nela. – Mas não vou fazer nada amanhã mesmo. Tony vem passar uns dias e vai me levar para almoçar.

– Ele vem? Ah, *que ótimo*. – Aliviada de escapar da tarefa, Paula falou com entusiasmo: – Sua sortuda! – Em seguida, fez uma careta e botou a mão sobre a boca. – Meu Deus, desculpe. Sou tão burra!

Já tinha acontecido dezenas de vezes. Talvez centenas. Por mais que Ellie dissesse para ela parar de se preocupar e de pedir desculpas, Paula sempre repetia aquilo. No trabalho, todo mundo agia assim; era uma espécie de reação pavloviana que eles não conseguiam controlar.

– Eu tenho sorte mesmo. A gente vai se encontrar no The Ivy.

– Uau. Que chique!

– Encontrar no The Ivy e comer no McDonald's.

Paula arregalou os olhos.

– É mesmo?

Ela era tão doce, tão bem-intencionada, tão fácil de enganar.

– Não, é brincadeira. – Ellie abriu um sorriso. – Acho que vamos almoçar no The Ivy mesmo.



– Porcaria... porcaria... *porcaria* de coisa inútil...

À meia-noite, Ellie estava prestes a assassinar o papel de parede. De pé na escada e batendo loucamente no canto superior direito do pedaço que estava tentando pendurar havia quarenta minutos, ela não tinha mãos livres para impedir que a seção adjacente se soltasse e rolasse parede abaixo.

– Pronto, já chega, estou de saco cheio de você!

Ela soltou um grito e foi para cima do primeiro pedaço, errou e bateu na parede de cor pastel de um jeito que fez a palma da mão arder. O papel a tinha irritado tanto que ela estava prestes a ter um chilique. Hora de parar. Não era sua culpa, ela só havia comprado um produto impossível de aplicar ou que não era autocolante, algo assim. Tudo bem, que o troço caísse se era o que queria. Não importava, era melhor ir para longe daquela carnificina e pegar um KitKat na geladeira.

Ellie voltou da cozinha e deu as costas para a cena desesperadora; o papel tinha se soltado todo agora. Ela se jogou no sofá, abriu o chocolate e começou a zapear. Aah, que maravilha, *Sintonia de amor*, será que já estava passando havia muito tempo?

Nesse momento, Jamie entrou na sala e se sentou com ela no sofá. Estava usando a calça jeans velha e a camisa rosa que tinha se recusado a vestir no encontro da escola. Ele a usava com frequência agora. Ellie adorava vê-lo com ela e estava certa sobre a cor, ficava ótima nele. Ela sabia o que ficava bem em Jamie mais do que ele próprio.

– Ótimo trabalho com o papel de parede. – Ele sorriu para ela, sentando-se de lado com uma perna embaixo da outra e os pés descalços a centímetros do joelho dela.

– Eu sei. Sou demais. – Ellie observou cada detalhe do rosto dele, os olhos azuis cintilantes, o cabelo louro com mechas clareadas pelo sol, o bronzado dourado.

– Você deveria virar profissional. As pessoas pagariam caro para decorar suas casas assim. Sabe o que é isso, não sabe? – Jamie assentiu com seriedade, indicando as paredes expostas, o papel amassado e caído. – É pobre chique pós-moderno.

– Se você tivesse me dado uma ajuda, talvez eu tivesse me saído melhor – argumentou Ellie.

– Ah, mas é bem mais divertido ver você tentar sozinha.

– Você quer dizer que tem preguiça de ajudar.

Ele deu um sorriso triste para ela.

– Ah, querida, eu ajudaria se pudesse. Você sabe disso.

Ellie sentiu o ardor familiar atrás dos olhos. Claro que ela sabia. Eles se esforçaram tanto para deixar o apartamento a cara deles. E ela *não ia* chorar.

– Tudo bem, já chega, pode ir agora. Vou assistir a esse filme.

Ele virou a cabeça, olhou para a televisão com desconfiança. Era bom mesmo ele sair dali.

– É um filme meloso de mulher?

Ele a conhecia tão bem. Ellie assentiu.

– Com certeza.

Jamie levantou as mãos, horrorizado; filmes de ficção científica e de guerra eram mais a cara dele.

– Vou te deixar em paz. Tchau, linda.

– Tchau.

Mas o filme não conseguiu segurar a atenção dela naquela noite. Depois de dez minutos sem conseguir se concentrar na história, Ellie desligou a televisão. Podia trazer Jamie de volta, mas não faria isso. Ela estava começando a ficar com certo medo de que aquilo que vinha fazendo no último ano não fosse muito normal. Porque Jamie não estava mais ali. Também não era um fantasma. Ela só conjurava uma imagem dele na mente, falava com ele e fazia com que respondesse, como se fosse real. Na escola, os professores sempre diziam que ela tinha imaginação fértil. Bom, eles estavam certos. E agora Ellie a estava usando bem, pois descobriu que imaginar que Jamie ainda estava presente era uma coisa bem reconfortante. Como chupar o dedo ou abraçar um cobertorzinho, fazia com que ela se sentisse... *melhor*. Pelo menos enquanto ela estava fazendo. Às vezes, depois, Ellie se sentia pior, abandonada e solitária e mais triste do que nunca. Mas na maior parte do tempo era bom. Se Jamie pudesse aparecer como um fantasma de verdade... bom, obviamente seria fantástico, mas até o momento não tinha acontecido; ele não tinha feito esse favor e ela não acreditava mesmo em fantasmas. Além do mais, assim ela podia controlar as roupas dele. Se quisesse que Jamie usasse paletó ou um tutu de bailarina, não havia nada que ele pudesse fazer além de reclamar com mau humor.

Ellie secou os olhos com as costas da mão; às vezes, só percebia que estava chorando quando as lágrimas pingavam do queixo e escorriam pelo pescoço. Ela sentia tanta falta de Jamie que às vezes se perguntava como tinha conseguido seguir em frente, porém quinze meses haviam se passado e de alguma forma ela conseguiu. Talvez ela estivesse ficando meio doida de conjurar Jamie e ter conversas imaginárias com ele, mas era seu mecanismo para lidar com a situação e ela não estava pronta para abrir mão disso ainda.



Ellie sempre esperava ansiosamente o almoço com o pai de Jamie quando ele ia para a Inglaterra. Os dois tinham perdido a pessoa mais importante da vida deles e seus encontros poderiam facilmente ser mórbidos, mas Tony nunca permitia que isso acontecesse. Obviamente, a dor ainda estava presente, porém, em público, pelo menos, não era abordada. Eles falavam sobre Jamie, celebravam sua memória e lembravam tempos mais felizes. Riam muito, comiam bem, acabavam tomando duas garrafas do vinho que ela nunca sonharia em comprar e terminavam indo embora com informações preciosas que eles não sabiam antes sobre o garoto que ambos amavam.

Essa era a melhor parte; era como descobrir tesouros enterrados. Naquele dia, em meio ao ambiente agitado e barulhento do The Ivy, Tony já a tinha brindado com a história da festa de aniversário de 6 anos de Jamie, quando uma de suas amiguinhas pediu um beijo em troca do presente dele e Jamie, totalmente horrorizado, devolveu o presente ainda embrulhado.

– Ele nunca gostou muito desse lance de dar beijos na frente de outras pessoas. – Ellie sorriu, a história deflagrando uma lembrança. – Quando ele conheceu as garotas do meu trabalho, uma delas deu um beijo na bochecha dele no fim da noite e você tinha que ver a cara dele. Parecia que ela tinha dado uma *lambida*.

Ela demonstrou a reação de Jamie na ocasião, a careta que ele fez e como se encolheu. E caiu na gargalhada, percebendo que o garçom que estava tentando encher as taças de vinho achou que ela estivesse fazendo uma careta e se afastando dele.

– Falando nisso, tem alguma coisa rolando nessa área?

Não era a primeira vez que Tony abordava o assunto. Ele ergueu as sobrancelhas e assentiu com intenção para indicar que estava falando dela. Especificamente, se ela já tinha beijado ou sido beijada por outro homem.

– Não, não. Nada. – Ellie balançou a cabeça.

– Vai rolar. – O sorriso dele foi tranquilizador. – Mais cedo ou mais tarde.

Mais tarde, de preferência. Ela não estava nem remotamente pronta para algo assim. A mera ideia a deixava nauseada. Além disso, como seria se Jamie estivesse olhando de algum lugar, tipo por uma câmera de segurança celestial? *E se ele não aprovasse?*

Ellie mergulhou um camarão no molho holandês. Não acreditar em fantasmas era uma coisa, mas acreditar no céu era bem diferente. Nunca se podia descartar a possibilidade de que ele estava observando tudo lá de cima. Em voz alta, ela disse:

– Eu sei. Mas ainda não.

Timing era o forte de Tony. Ele mudou de assunto sem esforço e tomou um gole apreciativo de vinho branco, uma garrafa que tinha custado 85 libras!

– Como está o apartamento? Seus vizinhos barulhentos se mudaram? – perguntou ele.

– Ah, sim. Duas semanas atrás, graças a Deus.

Ela sorriu e não entrou em detalhes; ele não precisava saber que os novos vizinhos prometiam ser cem vezes piores. A última família tocava Eminem alto e com frequência. A nova fazia com que eles parecessem amadores. Nos quinze dias anteriores, houvera umas cinco ou seis brigas, a polícia apareceu quase todas as noites e os cachorros da família latiram sem parar. E o pior de tudo: Eminem foi substituído pela cafonice de Céline Dion e Josh Groban.

Se pudesse escolher, Ellie receberia Eminem de volta de braços abertos. Mas não importava, pois era bem improvável que ela pudesse. Antes que Tony começasse a fazer perguntas sobre os novos vizinhos, ela falou:

– Ah, eu não contei, mas estou redecorando a sala!

Pronto, ele não era o único capaz de mudar de assunto. Ellie começou a contar sobre a luta desastrosa da noite anterior com o papel de parede, transformando o acontecimento numa história engraçada e deixando de fora a parte em que Jamie apareceu, porque esse era seu grande segredo. Muitas pessoas, depois de uma perda, conversavam com a pessoa amada que tinha partido. Ela sabia disso e ouviu muitas vezes que era uma coisa perfeitamente normal. Ao que parecia, o que era menos normal era o morto responder.



Zack McLaren tinha marcado aquele almoço com o diretor de uma empresa de TI com a qual ele talvez fechasse um negócio lucrativo em pouco tempo. Normalmente conseguia se concentrar no assunto da vez sem dificuldade, mas naquele dia tudo estava acontecendo diferente. Mais cedo,

enquanto ele estava parado na frente do restaurante atendendo a uma ligação, uma garota de casaco rosa chamou sua atenção enquanto caminhava pela rua na sua direção. O cabelo dela era comprido e escuro, os olhos castanho-claros, as bochechas rosadas, e o efeito que ela surtiu nele foi extraordinário; Zack não conseguia parar de olhar para ela. Fosse quem fosse, ele queria saber mais. Céus, que sensação estranha, ele nunca tinha sentido nada assim antes.

Quando ela passou, Zack sentiu o perfume dela, fresco e herbal, desconhecido, mas do tipo que deixava uma impressão duradoura. Ele se virou e ficou olhando o cabelo brilhoso, o casaco rosa ajustado e as pernas longas de meia-calça preta. Belas pernas, na verdade. Seu coração, incrivelmente, batia disparado no peito. O que estava *acontecendo* com ele? Ao perceber aonde as belas pernas a levavam, o disparo virou galope; ela estava indo para o The Ivy...

Zack encerrou a ligação com pressa e a seguiu, bem a tempo de vê-la sendo cumprimentada calorosamente por uma pessoa que ele reconhecia.

Agora, uma hora e meia depois, ele ainda estava com dificuldade de prestar atenção no que seu companheiro de almoço dizia. Do outro lado do salão estava a garota, agora sem o casaco rosa e usando um vestido fino de lã da cor de violetas-de-parma. Ela não era a garota mais deslumbrante que ele já tinha visto, mas o fazia se sentir como se fosse. Se ela estivesse almoçando com uma amiga, Zack a teria abordado, se apresentado, dito alguma coisa, embora ele nunca tivesse sido tão ousado. Mas descobriria quem ela era. Ele teria lhe dado seu cartão, pedido que ela ligasse, não, perguntado se *ele* poderia ligar para *ela*, teria descoberto se ela gostaria de jantar um dia, em breve, se tudo desse certo...

Mas ela não estava com uma amiga, não era? Seria sorte demais. Ela estava em um almoço agradável e divertido com o ator Tony Weston. Os dois conversavam, rindo muito, demonstrando que se conheciam bem e que gostavam da companhia um do outro.

Isso significava que qualquer abordagem não seria apreciada. Ele estava preso ali, longe demais para xeretar a conversa ou ouvir a voz dela, enquanto o diretor sentado à frente dele falava sobre previsões financeiras e...

– E o que você acha, então?

Droga. Claro que isso ia acontecer. Zack voltou a atenção para o motivo de ter ido ao The Ivy naquele dia. Bom, o motivo original.

– Acho que é... interessante. – Ele assentiu, pensativo.

– E qual é o veredito? Vamos fechar o negócio?

Aquilo era ridículo; ele era profissional. Uma coisa assim nunca tinha lhe acontecido antes.

– Ian, não posso tomar uma decisão hoje. – Simplesmente porque ele não tinha a menor ideia do que Ian vinha falando havia uma hora. – Preciso repassar os números, conversar com outras pessoas. Faço contato com você segunda à tarde, prometo.

Ian se encostou, tomou um gole d'água e o olhou com desconfiança.

– Está tudo bem? Você parece meio... distante hoje.

O que Ian diria se ele contasse, se ele se inclinasse sobre a mesa de repente e dissesse: “O lance é que tem uma garota ali, uma desconhecida, mas só de olhar para ela sinto coisas que nunca senti na vida”?

Como Ian, tão franco e com aquele rosto vermelho, reagiria a isso?

Mas era uma pergunta retórica, porque eles eram homens de negócios, que estavam discutindo negócios. Ele nem sonharia em dizer uma coisa daquelas.

– Estou bem. Só um pouco cansado pelo jet lag.

Ele abriu um sorriso curto e tranquilizador para Ian. Acima de tudo, Zack tinha sua credibilidade a preservar. Não queria virar motivo de piada.



Eram três e meia da tarde quando eles saíram do restaurante. Na West Street, Tony chamou um táxi e Ellie deu um abraço nele.

– Muito obrigada pelo almoço. Foi muito bom ver você de novo.

– Foi mesmo. – Ele abriu a porta do táxi e disse: – Pode entrar. Deixo você em casa.

– É tão fora de mão para você! – Ellie balançou a cabeça. – Sinceramente, não precisa, posso pegar o metrô.

– Está chovendo. Me deixe te dar uma carona. – Achando graça, Tony disse: – Tudo bem, eu posso pagar. – Indicando que ela deveria entrar primeiro, ele acrescentou: – Por favor.

Bom, ele tinha razão sobre a chuva. Estava começando a ficar mais forte agora. Relaxada pelo vinho, ela cedeu com graciosidade e entrou (com um pouco menos de graciosidade) no táxi. Só quando eles estavam a caminho de Hammersmith que Tony falou:

– Além do mais, quero ver esse seu desastre do papel de parede.

– Ah, não, você não pode subir!

As palavras saíram antes que ela pudesse impedir. Ela já tinha planejado em sua mente que o táxi pararia no fim da rua. Cada vez que ela e Tony se encontraram nos quinze meses anteriores foi em restaurantes; era assim que acontecia. Ele não visitava o apartamento havia quase dois anos. Com a pele formigando de constrangimento, Ellie sabia que ele ficaria chocado com o estado em que se encontrava agora.

– Isso não é muito simpático – comentou Tony gentilmente.

– Sinto muito, eu não quis ser antipática. – Ela balançou a cabeça, envergonhada. – É que... está uma bagunça.

Ele sorriu.

– Você quer dizer que tem louça na pia?

– É pior do que isso. – Ellie sentiu as bochechas ficarem vermelhas. – O apartamento todo está, ai, meu Deus, está meio... nojento. Eu preferia que você não entrasse.

Mas Tony Weston não tinha chegado aonde chegara se desistisse com facilidade. Ele deu um tapinha na mão dela e disse:

– Não vou julgar você, querida. Eu sou algum monstro, por acaso? Só quero dar uma olhada nesse seu papel de parede problemático.

– Por favor, não vá. Está uma bagunça, só isso.

– Quando larguei a faculdade de teatro e não conseguia arrumar trabalho como ator, eu ajudava um amigo que era pintor e decorador – disse Tony.

– Ah, eu não sabia.

Ele sorriu.

– Sou uma caixinha de surpresas.

– Humm.

Percebendo que tinha sido derrotada, Ellie se recostou no banco. Seu apartamento também estava uma derrota.

CONHEÇA OS LIVROS DE JILL MANSELL

Onde mora o amor
Desencontros à beira-mar
Muito além do infinito

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

